

O MÉTODO CARTESIANO: E A CONSTITUIÇÃO DA LOUCURA SEGUNDO FOUCAULT

Francisley José da Silva¹

Suderlan Tozo Binda²

RESUMO

O presente artigo expõe o pensamento de Descartes e Foucault sobre a loucura. Descartes entende a loucura como algo fora da razão, enquanto Foucault o critica e apresenta sua compreensão sobre o mesmo assunto. O trabalho produzido por meio de pesquisa bibliográfica levanta questionamento acerca da contribuição do método cartesiano para constituir a loucura para o pensamento foucaultiano. A principal motivação para realizar este projeto de pesquisa é a importância do tema para a sociedade, visto que estudar a constituição da loucura aprofunda a compreensão de algumas das estruturas sociais conhecidas. Desta forma desenvolveu-se essa análise acerca da loucura vista principalmente por Foucault e analisada a partir da visão cartesiana, haja vista que segundo Descartes para algo ser verdade sem questionamento é necessário um conhecimento dominado pela razão.

Palavras-chave: Descartes. Foucault. Loucura. Método Cartesiano.

ABSTRACT

This paper exposes the thoughts of Descartes and Foucault about madness. Descartes understands madness as something out of reason, while Foucault criticizes him and presents his understanding on the same subject. The work produced through bibliographical research raises questions about the contribution of the Cartesian method to constitute a madness for Foucault's thought. The main motivation for carrying out this research project is the importance of the topic for society, as studying the constitution of madness deepens the understanding of some social structures. Thus it was developed this analysis of madness understood mainly by Foucault and analyzed from the Cartesian point of view, given that, according to Descartes, for something to be true without questioning, knowledge dominated by reason is necessary.

Keywords: Descartes. Foucault. Madness. Cartesian Method.

¹ Graduando do Cursode Filosofia da Unisales Centro Universitário Salesianos. E-mail: francisleyjose@hotmail.com.

² Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1997); Pós-graduado em filosofia Clínica pela Faculdade Bagozzi (2002) e mestre em Filosofia Sistemática pela Pontifícia Universitas Gregoriana – Roma – (2006). Atua como professor de filosofia no Centro Universitário Salesiano. E-mail: sbinda@souunisales.com.br.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho tem como proposta apresentar o Método Cartesiano e sua contribuição para constituição da loucura segundo Michel Foucault, filósofo e psicólogo francês. Para o filósofo francês René Descartes esse método consiste em quatro regras: evidência, análise, ordem e enumeração. Foucault dedica parte de seus estudos para estudar os sujeitos considerados loucos perante a sociedade. Ele apresenta e critica em sua obra “História da Loucura” a relação estabelecida por Descartes entre loucura e razão.

Este trabalho é norteado pela análise da composição da loucura de Foucault e como ele utilizou o método cartesiano para realizar essa construção. Para isso torna-se necessário realizar a breve apresentação do método cartesiano e também como Foucault apresenta e representa a loucura. Por fim, a ligação entre o pensamento desses autores é feita pela forma em que Foucault critica, analisa, entende e utiliza o método cartesiano para a constituição do conceito de loucura.

Utilizou-se a pesquisa bibliográfica para realização desse trabalho. Ela se justifica pela necessidade básica de qualquer pesquisa dessa natureza: é preciso ter um referencial bibliográfico que ofereça uma construção teórica válida, confiável e revisada acerca do tema a ser abordado. O objetivo principal é estabelecer uma conexão entre as questões e os textos filosóficos clássicos que tratam dessas questões - que são textos que esclarecem e aprofundam essas questões.

O sujeito é considerado louco por suas atitudes e pensamentos, pois na busca das verdades absolutas, das quais não se deve haver dúvidas do valor, o sujeito se torna objeto de análise por Descartes e é colocado em dúvida. Foucault afirma a exclusão da loucura por parte de Descartes, pois para Descartes o indivíduo que se põe a meditar durante o processo do cogito não pode ser louco, porque a loucura é justamente a não possibilidade de fazer este percurso de meditação. A loucura é excluída do pensamento, pois desqualifica o sujeito meditador, o impede de realizar o processo. A constituição da loucura no pensamento foucaultiano é consolidada pelo que não é claro ou distinto na análise da loucura como motor de estudo cartesiano, isto é, a partir da sua particularidade. Submetido às regras do método de Descartes – evidência, análise, ordem e enumeração – o objeto de pesquisa não contém uma verdade indubitável.

2 MÉTODO CARTESIANO

Em “Discurso do Método”, Descartes propôs quatro preceitos metodológicos. O preceito primeiro é a evidência: nunca aceite coisas reais que não são claramente manifestadas. A evidência provém da clareza e distinção de ideias produzidas pela razão, e estabelece que o julgamento não deve conter nenhum conteúdo que não seja apresentado de forma clara e inequívoca, sem dúvida. O segundo é analítica: divida cada dificuldade em categorias e investigue o máximo possível para melhor resolvê-la. O terceiro, síntese: do objeto mais simples à ordem mais complexa de pensamentos. O último, enumeração: faça uma enumeração completa e revisão de segurança para que não haja omissões.

A concepção de evidência, em busca de coisas claras, inequívocas e indiscutíveis é o motor do método cartesiano. Ele confirma a influência da matemática, a crença na ordem mundial e a busca pela exaustividade.

Ao contrário, Foucault pensa que a impermanência não deve ser evitada, e constitui uma possível condição para o trabalho investigativo. Afinal, "de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?" (FOUCAULT, 1998, p. 12).

Foucault acreditava que Descartes rompeu com os pensamentos filosóficos anteriores e vinculou a ética à auto prática e ao conhecimento do mundo - uma tradição dos gregos aos filósofos do século 17. Por esta razão "não há acesso à verdade sem ascese" (FOUCAULT, 1994, p. 277).

Portanto, Descartes rompeu a lacuna entre a ética e a verdade. Agora, basta ser qualquer sujeito que veja coisas óbvias. A evidência substitui o trabalho moral sobre ela mesma - este método é suficiente como garantia de obtenção da verdade. Segundo Michel Foucault (1994, p. 277): "Com Descartes a evidência direta é suficiente. Depois de Descartes, temos um sujeito não ascético de saber. Esta mudança possibilita a institucionalização da ciência moderna".

Foucault encontrou duas dificuldades na formulação da metodologia de Descartes. A primeira dificuldade é o conceito de sujeito do conhecimento. O sujeito do conhecimento de Descartes, o sujeito do auto pensar, o agente do caminho metodológico que conduz ao conhecimento verdadeiro, apresenta-se como universal e não histórico. Foucault apontaria que se trata de um sujeito ubíquo e, assim sendo, não pode ser considerado um operador em sua proposta ontológica crítica.

A segunda dificuldade é o conceito de produção de conhecimento de Descartes que se origina da ideia de método como caminho a priori, que garante que qualquer sujeito que o utiliza possa obter a verdade. Foucault sugere que a neutralidade da metodologia correta seja substituída por uma ética autocriada em que o indivíduo e o objeto são constituídos no próprio processo de investigação. Portanto, em sua ontologia crítica, Foucault conecta a pesquisa ao processo de subjetivação.

Descartes levantou suas dúvidas sobre os sentidos na primeira meditação. Essa questão não é arbitrária, é baseada em razões e argumentos, não apenas por vontade própria. Aqui, vamos considerar a hipótese cartesiana de usar a dúvida como metodologia: (I) Possibilidade de conhecer; (II) Independência do conhecimento científico, com base na localização

Todas as etapas da dúvida natural estão relacionadas com a recusa do fundamento sensível do conhecimento, isto é, a não-aceitação de que a percepção sensível possa garantir, mesmo em parte, o conhecimento. (LEOPOLDO E SILVA, 1998, p. 36)

Também vamos lembrar que Descartes usou um método para definir suspeito do uso do programa. Antes de qualquer dúvida, deve haver princípios que eles o regulam para evitar que seja usado arbitrariamente. “Quando a dúvida começa a ser exercida, o espírito já tem de estar de posse do método que permitirá substituir as opiniões rejeitadas por verdades sobre as quais não pairam dúvidas” (LEOPOLDO E SILVA, 1998, p. 29). Este método usado por Descartes é relatado no Discurso do método como consistindo em quatro regras: clareza e distinção, análise, ordem e enumeração. Os requisitos de clareza irão determinar que “basta que encontre, em cada uma, alguma razão de duvidar, para que rejeite todas” (DESCARTES, 2004, p. 17). Esse requisito faz com que o pensador desista da expressão de julgamentos, desde que esses julgamentos não sejam apresentados de forma clara e inequívoca. A análise estabelece que ideias complexas e diversas se desdobram

em ideias simples e universais, o que pressupõe uma certa ordem dessas ideias. O que precisa ser esclarecido é

Para concluir a ciência, é preciso analisar todas as coisas que se relacionam com o nosso objetivo, cada uma delas, por um movimento contínuo e ininterrupto do pensamento, abarcando-as numa enumeração suficiente e ordenada. (DESCARTES, 2012, p. 57)

Trataremos da suspeita sensorial denominada suspeita natural que consiste em dois períodos: o primeiro período trata das dúvidas sobre os atributos dos objetos percebidos por meio da sensação, e o segundo período envolve a existência desses objetos.

Descartes esclareceu o uso da dúvida no resumo da primeira meditação:

E mesmo que a utilidade de uma dúvida tamanha não apareça de imediato, é ela, no entanto, muito grande por deixar-nos livres de todos os preconceitos, por aplinar um caminho em que a mente facilmente se desprenda dos sentidos e por fazer, enfim, que já não possamos duvidar das coisas que, em seguida, se descubram verdadeiras. (DESCARTES, 2004, p. 13)

Portanto, Descartes apontou claramente que o primeiro ponto de análise na "Primeira Meditação" são os sentidos. Essa análise dos sentidos, é claro, integra uma crítica às categorias de modelos cognitivos que sustentam sua base sensorial, o que pode ser confirmado pelos parágrafos de Descartes, afirmando que é necessário reconstruir sua base de conhecimento:

Era preciso, portanto, que uma vez na vida fossem postas abaixo todas as opiniões em que até agora confiara, recomeçando dos primeiros fundamentos, se desejasse em algum momento estabelecer algo de firme e permanente nas ciências. (DESCARTES, 2004, p. 15)

Mais tarde, Descartes acrescentou que estas “opiniões em que até agora confiara” teriam sido recebidas “dos sentidos ou pelos sentidos” (DESCARTES, 2004, p. 17), as opiniões são formadas desde a infância.

A atitude de Descartes é deixar de lado todas as opiniões que tem acreditado até agora para introduzir a base de segurança da ciência, considerando que esta será em um momento conveniente, constituindo uma atitude explicativa, e não associará a ela a origem do conhecimento – a verdade. Para Descartes, ao invés de se basear nas razões para a geração do conhecimento, é melhor encontrar as razões para sua composição de segurança, é preciso encontrar razões para comprovar tal conhecimento. Descartes não considera necessário mostrar que todas as opiniões

em que ele acreditou até agora estão erradas, mas ele acha que é suficiente mostrar que essas opiniões são questionáveis.

2.1 A DÚVIDA E A LOUCURA

A "dúvida" tem uma característica estrutural no sistema cartesiano, ela permite que nos afastemos dos pré-conceitos e pré-noções criados por nós. Quando ficamos longe de coisas suspeitas, incertas e impossíveis, duvidamos metodicamente, para que possamos mais entender com segurança o que queremos saber. Descartes primeiro pôs em dúvida todas as suas velhas ideias, para que, ao passar na peneira, pudesse ver qual delas era sustentável. Em "Meditações Metafísicas" logo na primeira meditação, a suspeita tem características de radical e intenso, e penetra nas principais opiniões e perspectivas de Descartes, para que ele possa obter uma segurança.

René Descartes estendeu a suspeita as suas sensações, o que lhe permitiu aprender até aquele presente momento, porque eles o enganariam mais vezes, então é necessário prudência para não confiar neles completamente; portanto, a suspeita se estende as sensações. Ele explicita na primeira meditação a exclusão da loucura na análise de seu método:

A não ser, talvez, que me compare com aqueles insensatos cujo cérebro é de tal maneira perturbado e ofuscado pelos negros vapores da bília, que asseguram constantemente que são reis quando paupérrimos, que estão vestidos com ouro e púrpura quando estão de todo nus, ou imaginam ser cântaros, ou ter um corpo de vidro. Mas que? São loucos, e eu não seria menos extravagante se me regresse por seus exemplos (DESCARTES, 2005, p. 31).

Ao ser colocada ao julgo do método, o sujeito insensato e perturbado não se encaixa nos limites da clareza e distinção exigidos por Descartes, passando a ser deixado de lado, já que o autor prefere não se arriscar em analisá-lo como portador de razão.

A "Dúvida" é suscitada por Descartes como uma grande originalidade epistemológica, e só depois desse filósofo ela pode ter uma dimensão metodológica. O "louco", tema pouco conhecido na tradição histórica filosófica anterior a ele, também é considerado o ponto básico da pesquisa, pois é uma característica de

como a época toda vê e entende fenômenos irracionais, por mais claro que esteja em suas obras.

Para Foucault é primordial entender as *Meditações* como um processo de dúvida que define o sujeito e que durante esse processo:

[...] há um momento em que a loucura é, na realidade, considerada, mas como uma eventualidade que não se pode assumir e que não se pode fazer entrar no jogo das transformações qualificativas (porque ele seria, justamente, desqualificativa); esse momento é, por isso mesmo, uma certa maneira de qualificar o sujeito meditador como não podendo ser louco – um modo, portanto, de transforma-lo por exclusão, por exclusão da loucura eventual (FOUCAULT, 2001, p.86).

É doravante a obra e o conceito do filósofo Michel Foucault que a loucura pode ser compreendida como sendo o "outro da razão", está completamente separada da racionalidade e o seu estatuto se expressa como clara negatividade. O sujeito louco, como Foucault explicava em sua pesquisa clássica, exceto por uma espécie de incoordenação e discurso intermitente, esclarecia a razão em suas palavras repletas de metáforas sobre luz e clareza; a loucura é um fundo escuro. Poço onde a razão só encontrará sua própria estupidez. Na loucura, o discurso da razão cessa e surge a dissonância pura. Como Foucault nos diz os gritos, a dor e o conhecimento na voz do louco são sempre filtrados por nossas categorias, e nosso conhecimento está enraizado em um lampejo. A luz da razão é tão brilhante quanto Descartes, de modo que cega qualquer dimensão que não possa ser classificada pela razão.

Incorporar a loucura na primeira meditação é algo muito problemático, mas foi somente em 1961 que o filósofo francês Michel Foucault publicou o livro "A História da Loucura" que despertou a atenção dos estudiosos. Foucault acredita que a rejeição radical do pressuposto da loucura e de se estar louco como sujeito norteador participa da suspeita como sua condição fundadora, pois mesmo que repleta de erros e ilusões, ainda existem "resíduos de verdade". Os filósofos não podem abdicar. Para Descartes, não enlouquecer é uma condição necessária para o pensador, porque enlouquecer torna o pensar impossível. Para Foucault, essa rejeição seria o melhor exemplo de como o pensamento clássico vê a loucura como uma forma de pura rejeição da razão, sem estatuto epistemológico ou participação no jogo da razão.

Para André Gombay, comentador de Descartes, é digna de nota a passagem na qual o filósofo traz a loucura:

Dois fatos são dignos de nota no que se refere a essa suposição. O primeiro é que ela é considerada de modo extremamente sumário, exatamente na única frase que temos aqui, e dispensada ainda mais sumariamente na enigmática segunda frase de nosso texto. Nunca mais ouviremos falar de loucura nas *Meditações*. O segundo fato, talvez relacionado, é que essas duas frases não atraíram atenção alguma dos leitores acadêmicos de Descartes até poucas décadas atrás (GOMBAY, 2009, p. 49).

A negligência do status de loucura nas obras de Descartes, sem dúvida, enfraqueceu o status de lunáticos e sujeitos com doenças mentais no que Foucault chamou de ação disciplinar. Observamos este como o movimento de Descartes para trazer a loucura para o reino da filosofia e da reflexão cognitiva, embora muito rapidamente. Mas é inegável que, uma vez excluído de seu sistema, o status de loucura em seus pensamentos é uma pura negatividade.

Descartes busca princípios que são certos e indutáveis. Por isso, ele assume que todas as extensões, movimentos, posições e corpos estão errados. Qualquer coisa que possa ser questionada será completamente negada por Descartes que alcançou os princípios básicos de seu sistema e o que poderia ser mantido:

Um outro [atributo da alma] é pensar; e noto aqui que o pensamento é um atributo que me pertence. Só ele não pode ser despreendido de mim. Eu sou, eu existo: isto é certo; mas por quanto tempo? A se ocorrer, se eu cessasse de pensar, que cessasse ao mesmo tempo de ser e de existir. Não admito agora nada que não seja necessariamente verdadeiro: não sou, então precisamente falando, senão uma coisa que pensa, ou seja, um espírito, um entendimento ou uma razão, que são termos cujo significado era-me anteriormente desconhecido. Ora, eu sou uma coisa verdadeira e verdadeiramente existente; mas que coisa? Disse-o: uma coisa que pensa. (DESCARTES, 2005, p. 46)

Aqui temos o momento fundador do seu pensamento: Descartes admite que é uma entidade pensante. É pura subjetividade humana que constrói seu sistema. Foi na autorreflexão sobre si mesmo, na compreensão do pensamento, que Descartes encontrou algo que poderia se tornar o ponto de partida de um sistema reto.

3 A LOUCURA PERANTE AS ÉPOCAS

Foucault analisou no livro “*História da Loucura*” as mudanças no discurso a respeito da loucura ao longo do tempo. Em sua opinião, existem inúmeras explicações para esse conceito, mas foi somente no século XVII que ocorreu uma grande mudança. Foucault “se considerava bastante louco para estudar a razão e ainda mais sensato para pesquisar a loucura” (ARBEX, 2019, p.206).

Até o século XVII, a imagem que se tinha da loucura era sua representação medieval de algo místico, desconhecido, considerado o local imaginoso da passagem da vida à morte. Simultaneamente, convive com a chamada “nau dos loucos”, ou seja, o navio que leva o louco a outras cidades em busca da razão. Quando foram acolhidos em outras cidades, foram colocados na prisão, outros foram espancados publicamente e expulsos. A partir desse século, a loucura passou a ser definida pela divisão vertical entre racionalidade e irracionalidade: portanto, já não é uma área de incerteza a qual pode ser exposta a forças desconhecidas, mas baseada no próprio discurso da alteridade racional.

Foucault não compreende a história de nossa sociedade, de nossa cultura, de nosso processo civilizatório como a história de um progresso, de uma trajetória linear e contínua na qual nessa linearidade, nós fossemos progredindo cada vez mais, acumulando conhecimentos e progressos. Para ele não há continuidade, não há linearidade. Existem, ao contrário, rupturas. Existem momentos de pensamentos. Convergente a esse pensamento de Foucault está à loucura.

Foucault dedicou-se, em seus primeiros trabalhos, a temática da loucura partindo da diferença de tempo para compreender e lidar com a ela, realizou uma recuperação histórica da loucura. No livro “Doença Mental e Psicologia”, ele refletiu sobre a evolução e o que é doença mental, o vínculo entre doença e história individual, doença e existência, e questionou a conexão entre loucura e cultura. Em A “História da Loucura”, Michel Foucault descreveu como a compreensão da loucura mudou ao longo do tempo, compreendendo que a loucura é uma questão histórico-cultural e não um fenômeno natural, nem é uma doença. História e a cultura fornecem-nos abonações positivas e negativas à loucura, o que nos faz pensar sobre a linha tênue que distingue loucura e razão. Às vezes, temos uma ideia maluca quase romântica relacionada a genialidade artística e / ou intelectual. Outras vezes, a imagem do lunático parece uma pessoa descontrolada e perigosa, foi este último conceito que fez da psiquiatria uma ciência no século XIX.

Segundo Foucault, a compreensão da loucura mudou ao longo do tempo, fortemente influenciada pela relação entre conhecimento e poder, crenças, costumes, rituais e o sistema político de cada época. "Foi numa época relativamente recente que o Ocidente concedeu à loucura um status de doença mental" (FOUCAULT, 2000a, p. 75).

Nos tempos antigos, as pessoas acreditavam que as doenças mentais eram causadas por magia ou ações de demônios, portanto, os primeiros médicos foram sacerdotes e feiticeiros. Um louco era considerado uma pessoa estranha ou possuída por um demônio porque seu comportamento sempre se desviava dos padrões de um determinado grupo de pessoas.

Na Grécia antiga, os lunáticos eram valorizados pela sociedade e considerados escolhidos pelos deuses. Os gregos antigos acreditavam que a crise de turbulência estava relacionada a forças sobrenaturais. Em Esparta, era comum jogar crianças com deficiência física ou mental em penhascos de dois quilômetros de altura.

Na Roma antiga, nobres e plebeus tinham permissão para sacrificar crianças que nasceram com deficiências. Os médicos romanos influenciados pela filosofia grega se dedicavam à psiquiatria forense e definiam as doenças mentais por meio de leis.

Na Idade Média, os lunáticos vagavam livremente pela sociedade e eram geralmente considerados sagrados. No entanto, essa situação mudará após o fim da Idade Média. Com a lepra controlada, os leprosários foram usados para tratar doenças venéreas no final do século XV. Mais tarde, eles foram usados para tratar todos os tipos de pacientes, incluindo aqueles com doenças mentais. Excluía-se do convívio social pessoas com doenças venéreas e pacientes psiquiátricos.

Durante a Renascença a loucura era considerada uma espécie de conhecimento esotérico sobre a natureza da vida. Lunáticos "conhecidos" são tolerados, mas lunáticos "estranhos" com comportamentos anormais e estranhos, incluindo bêbados e devassos, são confinados em barcos e passam por um exílio ritual.

Há na França, no começo do século XVII, loucos célebres com os quais o público, e o público culto, gosta de se divertir; alguns como Bluet d'Arbère escrevem livros que são publicados e lidos como obras de loucura. Até cerca de 1650, a cultura ocidental foi estranhamente hospitaleira a estas formas de experiência. (FOUCAULT, 2000a, p. 78)

A nau dos loucos era um tema de pintura e uma prática social corrente. O louco era expulso do centro da cidade e começava a navegar sem rumo. A água é entendida como meio de purificar a chamada "animalidade" dos segredos humanos, ocultos e desconhecidos da natureza.

O início da modernidade foi marcado pela existência de Descartes, que entendeu a loucura como não parte da racionalidade, o que nos leva a cometer erros. Desse

modo, passou a distinguir a razão e verdade do equívoco e falso, silenciando a loucura do discurso racional e internalizando-a no nível institucional.

Em 1656, o Hospital Geral de Paris foi estabelecido por decreto e abriu um grande internato para os pobres. O objetivo do Hospital Geral é coletar e "acomodar" os pobres em Paris e eliminar a mendicância e a ociosidade. Pessoas de qualquer sexo ou idade, doença ou recuperação, curáveis ou não, são obrigadas a trabalhar como forma de "purificação".

Foucault destacou que esses centros de detenção rapidamente se espalharam pela Europa, especialmente na França, Alemanha e Reino Unido, muitos deles foram construídos dentro dos muros dos antigos leprosários e mantidos por fundos públicos. A grande internação é o momento em que a loucura é relacionada com a incapacidade de trabalhar e incapacidade de integração em grupos, e passam a ser inseridos no contexto dos problemas urbanos.

Um dia, a pobreza não precisa mais ser aprisionada, mas a loucura sim. Pacientes mentais, além de inadequados, inquietos e perigosos, também são entendidos como pessoas que não são produtivas, não conseguem trabalhar e participar da sociedade, não conseguem se integrar a grupos sociais e, portanto, desorganizam a ordem social. Estrutura e ordem estabelecida.

Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros; pode ser que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato. (FOUCAULT, 2014, p. 10)

No final dos tempos modernos, alguns filósofos e psiquiatras reformistas começaram a considerar a prisão de lunáticos um crime, e não mais consideravam a loucura um crime, mas uma doença. Nessa época, os pensamentos de pessoas normais apareciam antes que a doença ocorresse, e os lunáticos eram considerados pessoas doentes, fora do normal.

No final dos séculos XVIII e XIX surgiram asilos com valor terapêutico, sendo a loucura entendida como "alienação espiritual", controle social e moral. Apesar desses acontecimentos, a detenção não foi interrompida. O paciente mental foi libertado da prisão, mas recebeu cuidados médicos. Desde o século XVIII, não há mais necessidade de lidar com o ócio, mas de usar e manter a mão de obra. A prática da hospitalização de pacientes mentais era então considerada um

desperdício de trabalho. A loucura passou a ser entendida como uma "doença mental", por isso deve ser tratada e corrigida.

No registro das práticas sociais, Foucault aborda então, em primeiro lugar, a descrição da circulação da loucura (...). Passa depois à grande reclusão, o espaço no qual se recluiu quem já não tinha lugar na sociedade burguesa dos séculos XVII e XVIII: os loucos, os indigentes, os vagabundos, os sodomitas, os blasfemos, as prostitutas, os libertinos, etc. E, finalmente, o relato chega até o momento em que surge o asilo psiquiátrico como lugar de internação reservado aos doentes mentais. A cada uma dessas experiências sociais corresponde, no registro dos saberes (a filosofia, o direito, a medicina) ou da literatura, determinada concepção de loucura. (CASTRO, 2015, p. 22)

Foucault percebeu inicialmente uma circulação livre da loucura, representada por navios vagando em rios europeus. Essa situação mudou com a reclusão nos séculos XVII e XVIII, onde lunáticos, vagabundos, indigentes, profanadores, prostitutas e libertinos compartilham o mesmo lugar de excluídos. Finalmente, o hospital psiquiátrico, um local de detenção reservado para pacientes com doenças mentais.

No Renascimento, a loucura ocupava uma posição de liberdade, considerada como expressão de outro mundo, sagrado e miserável. Na modernidade, o louco é entendido como irracional e deve ser hospitalizado. Na contemporaneidade, foi inicialmente entendida como alienação mental e, posteriormente, como doença mental.

O dramaturgo, romancista, ensaísta, poeta e professor brasileiro Ariano Suassuna apresentou uma aula-espetáculo no Tribunal Superior do Trabalho, no dia 18 de abril de 2012, na inauguração do auditório Ministro Mozart Victor Russomano. Ele, em um determinado momento da aula, contou uma história ocorrida na inauguração de um hospício construído no período em que seu pai, João Suassuna, era governador da Paraíba (1924-1928). Ariano relatou que os pacientes entraram com alguns carrinhos de mão que foram adquiridos para realização da psicoterapia pelo trabalho e que um deles estava com o carrinho de mão de cabeça para baixo. Ao ser alertado por João Suassuna que não era assim que carregava o carrinho o doido responde que tinha ciência disso, mas se carregasse da maneira correta colocariam pedra dentro para ele carregar. Ariano Suassuna conclui a história dizendo que "é um gênio de uma cabeça formidável!" (TRIBUNAL SUPERIOR DO TRABALHO, 2012, 28m34s)

Ao mesmo tempo, as pessoas se esforçam muito para distinguir o que é loucura (conceito de senso comum e categoria da antropologia social) e o que é doença mental (categoria psicológica da psiquiatria). O primeiro se refere à visão de mundo e aos comportamentos que a sociedade considera fora de sua própria imagem ideal, enquanto o segundo envolve expressões técnicas e científicas de estados dolorosos e perturbadores que produzem vários graus de deficiência social.

Portanto, o objetivo de Foucault é descrever a história da racionalidade sobre a irracionalidade, para ser justificada pela capacidade de superar a ignorância, corrigir erros normais (ilusões, alucinações, fantasmas) e se impor à desordem e ao desvio. Portanto, o autor finalmente usou a imagem de um refúgio como um paradigma geral para analisar as relações sociais de poder até o início dos anos 1970. Um tema que enlouquece em benefício do tema médico (como o controle da medicina social).

3.1 A “GRANDE INTERNAÇÃO” BRASILEIRA

Foucault relata em seu livro “História da Loucura” o período da grande internação francesa. No Brasil, houve um período em que a internação de pessoas com doenças mentais teve grande proporção e gerou incômodo a grande número de psiquiatras pelas condições e métodos usados.

Consideremos os fatos em sua formulação mais simples, dado que o internamento dos alienados é a estrutura mais visível na experiência clássica da loucura, e dado que será ele o motivo de escândalo, quando essa experiência vier a desaparecer da cultura européia. (FOUCAULT, 2000b, p.48)

Criado em 1903, o Hospital Colônia, localizado na cidade de Barbacena, no interior de Minas Gerais, é considerado o maior hospício já existente no Brasil. A princípio criado com o objetivo de tratar pacientes acometidos por doenças mentais, o Colônia tornou-se, futuramente, “destino de desafetos, homossexuais, militantes políticos, mães solteiras, alcoolistas, mendigos, negros, pobres, pessoas sem documentos e todos os tipos de indesejados, inclusive os chamados insanos” (ARBEX, 2019, p. 25).

Com estrutura inicial para abrigar duzentas pessoas, com a superlotação, o hospital chegou a abrigar cinco mil pacientes em condições sanitárias precárias. Os

pacientes viviam amontoados nos pavilhões lotados com odor fétido de urina e fezes, não apenas humanas, mas também de ratos que dividiam espaço com residentes. O clima particular da cidade mineira situada no alto da Serra da Mantiqueira com temperaturas baixíssimas, diferentes de outras cidades da região, era também algo batalhador e infeliz para os pacientes, muitos deles andavam nus. Mesmo uniformizados, o uniforme azul conhecido como “azulão”, feito de brim era incapaz de protegê-los das baixas temperaturas barbacenenses. Para acomodar mais pacientes foi sugerida por José Consenso Filho, chefe do Departamento de Assistência Neuropsiquiátrica de Minas Gerais, a substituição de camas por capim. “A intenção era clara: economizar espaço nos pavilhões para caberem mais e mais infelizes” (ARBEX, 2019, p. 25).

Até seu fechamento na década de oitenta, o Colônia foi responsável pela morte de mais de sessenta mil pessoas que desfaleciam em decorrência das precárias condições sanitárias, pelas práticas de tratamento – principalmente pelas sessões de eletrochoque – ou por não suportarem as baixíssimas temperaturas da cidade. Os corpos eram, na maioria das vezes, vendidos para Faculdades de Medicina do país. Outros eram dissolvidos em ácidos.

Em julho de 1979, o psiquiatra italiano Franco Basaglia esteve no Brasil para uma série de visitas a hospitais psiquiátricos do país. Após visita feita ao Hospital Colônia em Barbacena, a declaração que Basaglia fez à imprensa em Belo Horizonte foi: “estive hoje num campo de concentração nazista. Em lugar nenhum do mundo presenciei uma tragédia como esta” (ARBEX, 2019, p. 217). Essa não foi a primeira vez em que o Hospital foi comparado com as situações ocorridas no nazismo. A conhecida expressão “trem de doido” representava as locomotivas que percorriam parte do país e tinham como destino a estação Bias Fortes, as quais traziam passageiros que tinham como destino o Hospital.

Os deserdados sociais chegavam a Barbacena de vários cantos do Brasil. Eles abarrotavam os vagões de carga de maneira idêntica aos judeus levados, durante a Segunda Guerra Mundial, para os campos de concentração nazistas de Auschwitz. A expressão “trem de doido” surgiu ali. Criada pelo escritor Guimarães Rosa, ela foi incorporada ao vocabulário dos mineiros para definir algo positivo, mas, à época, marcava o início de uma viagem sem volta ao inferno. (ARBEX, 2019, p. 28)

Não apenas Basaglia, mas vários outros psiquiatras se incomodaram com o que acontecia em Barbacena. Foram feitas várias denúncias das condições nas quais o

hospital vivia, infelizmente, antes do pronunciamento de Basaglia elas não foram adiante. Ele foi o grande inspirador do movimento antimaniconial no Brasil, movimento este que contribuiu para o fim do Hospital Colônia. As pessoas que eram encaminhadas até o Colônia para tratamento “perdiam o nome de nascimento, sua história original e sua referência, como se tivessem aparecido no mundo sem alguém que as parisse” (ARBEX, 2019, p. 29). A barbárie ocorrida em Barbacena faz-nos olhar e buscar compreender como a definição de loucura naquela época foi influenciada pela delimitação da razão humana. Razão e alienação são consideradas parâmetros opostos que se retraem ao determinar um indivíduo – ou ele é portador da razão ou está alienado.

4 O MÉTODO CARTESIANO PARA CONSTRUÇÃO DA LOUCURA

A negação de que a loucura seja um dos motivos da dúvida surgiu na vacilação entre o motivo da dúvida e o motivo da não dúvida, um elemento posteriormente criticado por Foucault. Afinal, se uma pessoa não comete erros nos elementos puros, mesmo que esteja delirando, então a loucura não pode ser um constituinte da dúvida da verdade, porque os devaneios e os sonhos podem produzir outra realidade? Vamos lidar com as objeções à Primeira Meditação feitas por Foucault.

Leopoldo e Silva fez a seguinte declaração sobre como Descartes tratou a certeza adquirida na vida de um pensador:

O que resta após a dúvida cartesiana não é somente a desconfiança em relação às verdades adquiridas; é o vazio que se segue à destruição sistemática de todas as certezas por via da recusa dos procedimentos pelos quais essas certezas foram adquiridas. (LEOPOLDO E SILVA, 1998, p. 44)

No entanto, Foucault se opôs a uma certeza que Descartes não negava: sua intuição e capacidade de raciocínio estavam seguras. O auto pensamento de Descartes é considerado a base de conhecimento absolutamente correta, que infere total convicção na razão.

Foucault criticou em “História da Loucura” o discurso que perpassa toda a história e separou a racionalidade da loucura através da constituição da teoria e do sistema. Esse discurso criou uma ruptura entre a loucura e a verdade, passando a apenas dividir a loucura, trate-a como um objeto de análise. Ele acredita que, no processo

da tradição ocidental, a loucura é marcada como impossível de constituir a verdade.

Conforme Revel:

[...] trata-se, com efeito, de analisar a maneira pela qual, no século XVII, a cultura clássica rompeu com a representação medieval de uma loucura, ao mesmo tempo, circulante (a figura da “nau dos loucos”) e considerada como o lugar imaginário da passagem (do mundo ao trás-mundo, da vida à morte, do tangível ao segredo etc.). Ao contrário, a idade clássica define a loucura a partir de uma separação vertical entre a razão e a desrazão: ela a constitui, portanto, não mais como aquela zona indeterminada que daria acesso às forças do desconhecido (a loucura como um para além do saber, isto é, ao mesmo tempo, como ameaça e como fascinação), mas como o Outro da razão segundo o discurso da própria razão. (REVEL, 2005, p. 62)

Portanto, a desqualificação da loucura se deve à estruturação da oposição entre registros irracionais e racionais, que se estabeleceu de diferentes formas no decurso da história do ocidente. Segundo Foucault, esse antagonismo não apareceu até a Idade Clássica e, na Idade Média, a loucura revelará verdades além do alcance da razão. A loucura, nessa estrutura oriunda da modernidade do ocidente, constitui o escopo da irracionalidade, e a loucura acaba sendo afastada da racionalidade. Por se afirmar que a razão é o estabelecimento da verdade, essa alienação pode levar à desqualificação da loucura. Ao contrário da racionalidade e, portanto, nas condições estabelecidas desde os tempos modernos, e ao contrário da verdade, a loucura será suprimida e entendida como falta de racionalidade, como outro racional.

No centro do discurso maluco sobre a arqueologia ocidental, Foucault mencionou a primeira meditação cartesiana em um pequeno artigo. Foucault tentou provar que, ao não usar a loucura como motivo de dúvida, Descartes retirou a loucura da área do conhecimento, ajudando a rejeitar os loucos:

Descartes não evita o perigo da loucura do mesmo modo como contorna a eventualidade do sonho ou do erro. [...] Na economia da dúvida, há um desequilíbrio fundamental entre a loucura, de um lado, e o sonho e o erro, de outro. A situação deles é diferente com relação à verdade e àquele que a procura; sonhos ou ilusões são superados na própria estrutura da verdade, mas a loucura é excluída pelo sujeito que duvida. Como em breve será excluído o fato de que ele não pensa, que ele não existe. (FOUCAULT, 2000b, p. 45-46)

Nessa ótica, quanto à chance de equívoca sensorial relacionado aos sonhos, o desvario é tratado de forma diferenciada. Os sonhos e a loucura são as razões para suspender o julgamento junto às dúvidas naturais, mas, como dizia Descartes, os sonhos e os "erros sensoriais" têm algo a ser dado como certo. Além disso, segundo Foucault, ao contrário dos sonhos, a loucura nunca foi explorada e foi abandonada ao mesmo tempo em que foi mencionada. Portanto, para Foucault, a razão pela qual

Descartes forneceu duas circunstâncias válidas e considerou apenas uma delas foi evitar propor uma solução para explicar a hipótese de que o pensador era louco:

Não é a permanência de uma verdade que garante o pensamento contra a loucura, assim como ela lhe permitiria desligar-se de um erro ou emergir de um sonho; é uma impossibilidade de ser louco, essencial não ao objeto do pensamento, mas ao sujeito que pensa. É possível supor que se está sonhando e identificar-se com o sujeito sonhador a fim de encontrar uma “razão qualquer para duvidar”: a verdade aparece ainda, como condição de possibilidade do sonho. Em compensação, não se pode supor, mesmo através do pensamento, que se é louco, pois a loucura é justamente a condição de impossibilidade do pensamento: “Eu não seria menos extravagante...” [...] Ora, Descartes adquiriu agora essa certeza, e agarra-se firmemente a ela: a loucura não pode mais dizer-lhe respeito. Seria extravagante acreditar que se é extravagante; como experiência do pensamento, a loucura implica a si própria e, portanto, exclui-se do projeto. Com isso, o perigo da loucura desapareceu no próprio exercício da Razão. Esta se vê entrincheirada na plena posse de si mesma, onde só pode encontrar como armadilhas o erro, e como perigos, as ilusões. A dúvida de Descartes desfaz os encantos dos sentidos, atravessa as paisagens do sonho, sempre guiada pela luz das coisas verdadeiras; mas ele bane a loucura em nome daquele que duvida, e que não pode desatinar mais do que não pode pensar ou ser. (FOUCAULT, 2000b”, p. 46-47)

Sabemos que Descartes usou a habilidade de saber como um pré-requisito para o procedimento de dúvida. Com base nisso, Foucault esclareceu porquê Descartes prefere o argumento dos sonhos ao invés do argumento da loucura, porque a verdade ainda aparece como uma condição da perspectiva do sonho. Portanto, Descartes não usaria a loucura em sua disposição de verdade. Se ele colocasse a loucura no motivo da dúvida, ele jamais seria capaz de superar a dúvida, invalidando assim a probabilidade de saber alguma coisa. Na visão de Foucault, Descartes só conseguiu superar a dúvida porque não enfrentou todos os empecilhos possíveis, a loucura nos faria cair na dúvida absoluta, pois duvidava de sua própria racionalidade. No entanto, antes de tirar dúvidas absolutas, Descartes tinha segurança de que não ficaria louco: “Mas, eles são dementes e não pareceria menos demente do que eles, se buscasse neles algo como exemplo para mim” (DESCARTES, 2004, p. 19). Dessa forma, o meditador rejeitou a experiência maluca.

Se considerarmos o que Foucault revelou em “História da Loucura”, Descartes escolhe o argumento dos sonhos e exclui a loucura do motivo da dúvida, pois quem duvida pela razão certamente não duvidará de sua própria racionalidade. Para apoiar seu pensamento, o meditador excluiu a possibilidade da experiência maluca e a colocou em uma divisão irracional.

Em oposição à passagem contemplativa em “História da Loucura”, Derrida insistiu que, ao contrário do que apontou Foucault, Descartes não descartou a loucura. O porquê disso é que argumento do sonho será uma hipótese, levará a hipótese maluca – hipótese anterior – ao seu extremo. O que aconteceu não elimina a contingência da loucura, mas a radicaliza pelas influências erradas e pelos erros que os sonhos nos permitem imaginar. Sobre loucura, Derrida diz que “não cobre a totalidade do campo da percepção sensível. O louco não se engana sempre e em tudo; ele não se engana tanto, ele não é jamais tão louco” (2002, p. 79). Embora a loucura engane a verdade, ainda há alguma verdade na compreensão do lunático.

Segundo Descartes, alguns pensamentos singulares resistem à loucura e podem ser reconhecidas por ela, ao contrário, a confusão entre sonho e despertar não permite distinguir entre o que é um conceito claro e o que não é. O sonhador pode acreditar erroneamente que tudo o que imaginou no momento do sonho é real, o que torna suspeitos todos os pensamentos derivados dos sentimentos ao acordar.

Pelo entendimento de Foucault, Descartes apenas exclui a loucura da análise da razão, ele apenas exclui o sujeito considerado louco, mas Descartes é ainda mais ousado mesmo sem perceber. Com o uso do seu método, ele determina o que é o louco na sua visão. Para Descartes, o sujeito para ser considerado louco não pode ser portador da razão, essa razão é determinada pelos critérios do método cartesiano. Ao pensar dessa forma, ele determina “o que é a loucura”. A contribuição do método cartesiano para constituição da loucura se dá não apenas pela exclusão da loucura pelo *cogito*, como evidencia Foucault em seu pensamento, mas pela determinação da loucura. A loucura, até então considerada excluída, somente é considerada loucura quando colocada ao julgo do método. Na cama de Procusto da razão para Descartes o que não se encaixa nem se adapta a ela é colocado de lado. Isso também acontece com a loucura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O método desenvolvido por Descartes tem o propósito de encontrar verdades que não podem ser duvidadas. Foucault analisa a única citação da loucura feita por Descartes em relação ao método como uma forma de exclusão do louco. Vale

ressaltar que para um sujeito ser considerado louco é necessário determinar o método no qual o sujeito está em julgo. Usando métodos diferentes ou analisando-o em épocas diferentes um sujeito pode ser louco em uma análise e místico em outra. Ao usar seu próprio método para delimitar a loucura entendemos que por detrás da exclusão há a determinação do que é loucura, condição necessária para poder excluí-la. Algo somente pode ser excluído se for determinado o que é ele, isto é, a loucura só pôde ser excluída porque foi determinado o que é loucura.

A loucura foi vista de forma diferente dependendo da época vivida, chegando a ser considerada misticidade. Em um determinado período as pessoas que sofriam de doenças mentais foram consideradas lunáticas, alienadas e tratadas como pessoas sem direitos nas ruas ou em hospitais psiquiátricos. Essas pessoas que são excluídas da sociedade são deixadas em asilos, abrigos ou outros tipos de hospitais psiquiátricos, hospitalizadas e esquecidas, e muitas vezes se tornam vítimas de abuso médico ou abuso por enfermeiras ou outros pacientes.

Foucault crítica o motivo de Descartes preferir o argumento dos sonhos ao invés do argumento do desvario. A loucura não foi tanto analisada quanto os sonhos, trazendo uma segurança ao autor, por não entrar em uma zona tão desconhecida e desafiante a mente. Mesmo com a crítica, o método desenvolvido por Descartes torna-se útil para a constituição da loucura.

O método cartesiano contribui para o pensamento de Foucault na constituição da loucura primeiramente como motor crítico, pois Foucault critica a forma que Descartes entende o louco e não o considera racional. Outra forma em que o método contribui para constituir a loucura é pela forma em que é usado por Descartes para delimitar a loucura, mesmo sem essa intensão ele determina o que é loucura através de uma análise racional.

REFERÊNCIAS

- ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.
- CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. **Meditações sobre filosofia primeira**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.
- _____. **Regras para a orientação do espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- _____. **Dits et écrits**. Paris: Gallimard, 1994. v. 4.
- _____. **Doença mental e psicologia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2000a.
- _____. **História da loucura na idade clássica**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000b.
- _____. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1998. v. 2.
- _____. **Resposta a Derrida**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- GOMBAY, André. **Descartes: introdução**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. **Descartes: a metafísica da modernidade**. 5. ed. São Paulo: Moderna, 1998.
- REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.
- TRIBUNAL SUPERIOR DO TRABALHO. Vídeo. **Aula Espetáculo de Ariano Suassuna no TST**. 2016. (64m15s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8ieVa2tVPac>>. Acesso em 26 out. 2021.